

# A BASE NAVAL DO RIO DE JANEIRO\*

EMERSON AUGUSTO SERAFIM\*\*  
Capitão de Mar e Guerra

---

## SUMÁRIO

Introdução  
Localização  
Brasão  
Missão  
Primórdios  
Do Lloyd Brasileiro à Marinha do Brasil  
Uma nova Esquadra, uma nova Base  
Da Estação Naval à Base Naval  
A Base Naval se consolida  
Nossa Base hoje  
Conclusão

## INTRODUÇÃO

Início estas breves linhas agradecendo a oportunidade a mim concedida pela Sociedade Amigos da Marinha (Soamar) Campinas de divulgar um pouco da história e das atividades realizadas pela Base Naval do Rio de Janeiro (BNRJ), “a Base da nossa Esquadra”, conforme reza o nos-

so lema, a qual tenho a honra de comandar desde o dia 14 de outubro de 2021.

Falar sobre a BNRJ e sua história centenária não seria possível sem a ajuda de pessoas cujo trabalho diuturno faz a Base cumprir sua missão e que também colaboraram com suas reminiscências e produção do material iconográfico. Em especial, registro o apoio do Capitão

---

\*Matéria publicada no Boletim nº 143, de janeiro/1922, da Soamar Campinas.

\*\*Comandante da BNRJ.

de Fragata (RM1-T) Julio Francisco de Araújo Alfradique, do Primeiro-Sargento (ET) Manassés de Lucena Moraes e do Terceiro-Sargento (MI) Jonatas Henrique de Sousa Silva.

## LOCALIZAÇÃO

A Base Naval do Rio de Janeiro é uma Organização Militar (OM) situada no Complexo Naval de Mocanguê (CNM), que reúne as Ilhas de Mocanguê Grande e Mocanguê Pequeno, unidas por uma larga faixa de aterramento. Enquanto a primeira abriga a Base de Submarinos Almirante Castro e Silva (Bacs), o Centro de Instrução e Adestramento Almirante Áttila Monteiro Aché (Ciama), o Grupamento de Mergulhadores de Combate (Grumec), a Força de Superfície e o Centro de Manutenção de Embarcações Miúdas, em Mocanguê Pequeno, além da Base Naval, encontram-se o Comando em Chefe da Esquadra, o Centro de Instrução Almirante Marques de Leão (CAAML), o Centro de Intendência da Marinha em Niterói, o Centro de Guerra Acústica e Eletrônica da Marinha e a Unidade Médica da Esquadra.

## BRASÃO



Figura 1 – Brasão da BNRJ

**Descrição:** Num escudo boleado, encimado pela coroa naval e envolto por elipse de cabo de ouro terminado em nó direito, campo azul com esfera armilar de ouro com três setas do mesmo metal voltadas para cima; contrachefe de prata e sobre traço de cortado meia roda de leme, de ouro; cortada de meia roda dentada de vermelho.

**Explicação:** A roda dentada e a roda de leme simbolizam os dois característicos departamentos da Base Naval, o industrial e o militar. A esfera armilar com três setas, a mesma constante do brasão da cidade do Rio de Janeiro, alude à localização da base em apreço.

## MISSÃO

A BNRJ é uma Organização Militar Prestadora de Serviços Industriais (OMPS-I) que realiza a manutenção e docagem de navios e embarcações da Marinha do Brasil (MB), além de prover apoio aos meios nela atracados e às diversas OM do CNM, conforme denota a nossa missão:

Exercer a atividade industrial, prover serviços de manutenção e facilidades a unidades da Marinha do Brasil e, eventualmente, extra-MB, bem como proporcionar infraestrutura de apoio às OM sediadas na própria Base e, esporadicamente, a outras OM, a fim de contribuir para o aprestamento dos meios da MB.

Entre as várias atividades, as tarefas a serem cumpridas incluem:

- prover facilidades de atracação aos navios da MB no porto do Rio de Janeiro;
- apoio de rancho, energia elétrica, aguada, alojamento e facilidades para capacitação física para as tripulações dos navios e OM do Complexo;

– prover serviços de manutenção e reparo nos níveis de 2º e 3º escalões, compatíveis com os recursos disponíveis, aos navios da MB no porto do Rio de Janeiro; e

– prover serviços de manutenção e reparo às embarcações de pequeno porte das Organizações Militares sediadas no Rio de Janeiro.

A capacidade de prover serviços de tal abrangência e magnitude não foi obtida da noite para o dia, mas sim com o trabalho árduo de pioneiros e visionários, que remonta ao século XIX.

## PRIMÓRDIOS

A vocação da Ilha de Mocanguê Pequeno para as atividades ligadas à indústria marítima vem da segunda metade do século XIX. Naquele tempo, a logística necessária à indústria cafeeira, principal atividade econômica do País, começava a encontrar na mecanização uma solução para suas enormes demandas, fosse nas ferrovias que começavam a cortar serras para levar à Corte o produto ou no comércio marítimo, responsável, como sempre, pelo transporte de nossas riquezas para os centros de consumo na Europa, e já impulsionado pela navegação a vapor, setor em franco desenvolvimento em todo o mundo.

É nesse contexto que, em 1864, a Wilson & Sons, empresa que pertencia a família de ascendência escocesa e operava no Rio, em Salvador e no Recife, obteve aforamento do governo imperial para uso comercial da Ilha de Mocanguê Pequeno.

Segundo o historiador Thiago Mantuano, o grande projeto dos Wilson era instalar na ilha uma paragem internacional de referência para as embarcações

de longo curso, onde as maiores e mais novas embarcações a vapor pudessem estacionar, carregar e descarregar, dispensar a marinharia, abastecer e ser reparadas.

Rapidamente a pequena ilha granítica se transformou em destacado entreposto de carvão, possuindo um cais de atracção, armazéns e uma carreira (ou mortona) para embarcações e navios (da qual hoje não há mais vestígios). Em 1867, Mocanguê Pequeno (curiosamente, em tupi-guarani, a palavra mocanguê significa “varal sobre braseiro para assar carnes ou pescado”) iria receber o primeiro dique seco ao sul do equador, o Dique do Commercio, inaugurado com a presença do Imperador.

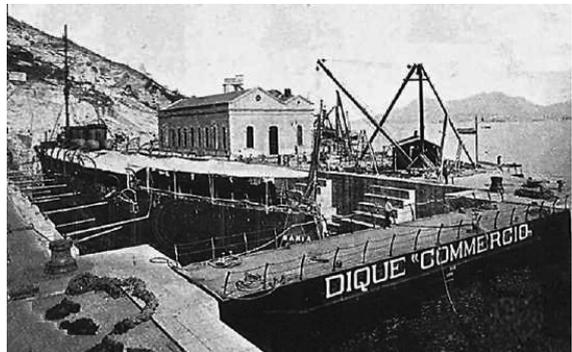


Figura 2 – Dique do Commercio no período da Wilson & Sons

Em poucos anos, as instalações da Wilson & Sons no Rio de Janeiro eram reconhecidas nacional e internacionalmente como um estaleiro de reparos navais com grande capacidade de armazenagem de carvão, principal combustível para navegação e indústria à época. Dessa forma, a ilha alavancou os negócios da empresa ao desempenhar, desde aquela época, as tarefas de uma Base.

Já moderno a seu tempo, rivalizando com o Dique Santa Cruz, do então Arsenal de Marinha da Corte, o Dique do Commercio e as oficinas da ilha ainda



Figura 3 – Ilha de Mocanguê Grande, com as instalações de Mocanguê Pequeno à direita e ao fundo, na foto de 1893

viriam a sofrer ampliações e atualizações até sua passagem para a Companhia Lloyd Brasileiro, que adquiriu a Ilha e suas facilidades em 1894, abrindo uma nova e importante fase para Mocanguê Pequeno na história da indústria naval do Rio de Janeiro e do País.

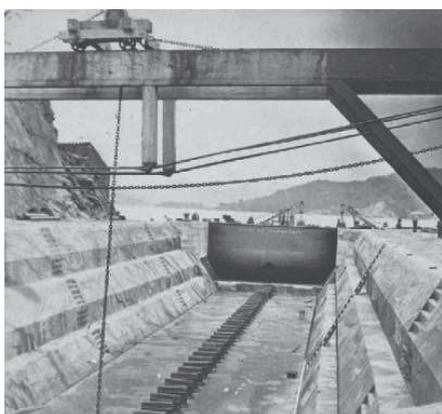


Figura 4 – Dique do Commercio em sua passagem para o Lloyd Brasileiro

## DO LLOYD BRASILEIRO À MARINHA DO BRASIL

Por 12 milhões de contos de réis, obtidos de financiamento junto ao Banco do Brasil, a nascente Companhia de Navegação Lloyd Brasileiro comprou, em 1894, as instalações de Mocanguê Pequeno, que foram paulatinamente ampliadas conforme as necessidades da empresa, seguindo a evolução de sua frota de navios ao longo do tempo.

Nas imagens aéreas feitas da Ilha e seus arredores, no período entre 1916 e 1923, nos primórdios da Aviação Naval, já se podem identificar as novas oficinas.

Seguindo os altos e baixos que marcaram a existência do Lloyd Brasileiro, o dique original foi remodelado e modernizado, ampliando sua capacidade de docagem, e um segundo dique foi construído. Mais tarde, ainda seguindo as demandas geradas pela incorporação de novos meios flutuantes à frota mercante da empresa, o dique 1 (hoje Almirante Branco) foi ampliado em cerca de 30 metros.

Enquanto estaleiro de manutenção do Lloyd, Mocanguê Pequeno chegou a empregar centenas de funcionários, mas o rápido avanço da tecnologia de construção, o aumento da tonelagem e as dimensões dos navios mercantes fizeram com que o



Figura 5 – Foto aérea da década de 1920. No alto, à direita, o estaleiro do Lloyd



Figura 6 – Ilha de Mocanguê (1939-1942). Ao fundo, os estaleiros do Lloyd



Figura 7 – Estaleiro da Costeira Reparos Navais, já abandonado no final da década de 1960



Figura 8 – Estaleiro da Costeira Reparos Navais, abandonado no final da década de 1960

complexo industrial caminhasse a passos largos para a obsolescência comercial. Assim sendo, durante a fase de reestruturação do Lloyd, ocorrida na segunda metade dos anos 60, a Ilha passa ao inventário da Companhia Costeira de Reparos Navais, empresa criada para desonerar o Lloyd das tarefas de manutenção de sua frota.

A Costeira, que também passou a administrar as instalações industriais da Ilha do Vianna, concentrou nesta última suas atividades, desativando as oficinas e diques de Mocanguê em 1969, ficando o terreno e benfeitorias abandonados à ação das intempéries. Mas o que parecia ser o melancólico ocaso da histórica Ilha era apenas o prelúdio de um futuro promissor.

## UMA NOVA ESQUADRA, UMA NOVA BASE

No final da década de 60 e início da década de 70, o núcleo da Esquadra brasileira passou a ser formado pelos navios obtidos no contexto do Programa de Assistência Militar (MAP), firmado com os Estados Unidos da América, que cederam à MB os contratorpedeiros classe *Fletcher*, *Gearing* e *Allen M. Summer*.

Adicionalmente, a Marinha estava engajada a todo vapor no seu Plano de Reaparelhamento (PRM). O Navio-Tanque *Marajó*, primeiro meio do ambicioso Plano, já estava em operação, e as modernas fragatas adquiridas no Reino Unido começavam a ser construídas. Os novos navios iriam demandar uma infraestrutura que não estava disponível no Arsenal de Marinha e, neste

contexto, ficava evidente a necessidade de ampliação das instalações de apoio e manutenção das unidades da Esquadra e de outros meios da Marinha.

Àquela época, a MB já estava estabelecida há décadas na Ilha de Mocanguê Grande, que abrigava, desde 1914, as OM que vieram compor a Flotilha de Submarinos, e os diques desativados da vizinha Ilha de Mocanguê Pequeno se mostraram uma boa oportunidade para o aumento da capacidade de apoio, manutenção e docagem para a Marinha.

Deste modo, em dezembro de 1973, o Governo Federal intermediou a cessão sem ônus de Mocanguê Pequeno e suas benfeitorias à Marinha do Brasil, a qual rapidamente iniciou a adequação das instalações para a criação de uma Estação Naval que proveria apoio para atracação dos navios prontos.

## DA ESTAÇÃO NAVAL À BASE NAVAL

O restabelecimento da geração de energia elétrica no local e da operatividade dos dois diques foram os objetivos iniciais do Núcleo de Implantação estabelecido. Em abril de 1974, a ilha voltou a receber energia de terra, e o cais de Mocanguê

Pequeno recebeu a lendária Corveta *Imperial Marinheiro*, primeiro navio da MB a atracar na futura Estação Naval.

Em outubro de 1974, os diques haviam restabelecido sua funcionalidade, realizando a sua primeira docagem, a dos pontões do Navio de Desembarque de Carros de Combate *Duque de Caxias* e do Navio-Balizador *Mestre João dos Santos*.

Em 1976, foi estabelecido o Núcleo de Implantação da nova Organização Militar e, uma vez completada a revitalização das instalações de docagem e tendo sido assegurada a capacidade de apoio à atracação dos navios, foi ativada, em 15 de agosto de 1977, a Estação Naval do Rio de Janeiro (ENRJ), subordinada inicialmente ao Comando do 1º Distrito Naval e, na sequência, ao recém-criado Comando da Força de Apoio Logístico. A Estação passou a realizar serviços de docagem, manutenção e reparo dos meios de apoio e, a seguir, dos navios da Força de Contratorpedeiros da Esquadra.

A nova OM, seguindo a vocação industrial de suas origens, teria meteórica expansão física e de tarefas. Aterros hidráulicos expandiram as dimensões da Estação Naval, unindo as ilhas de Mocanguê Grande e Pequeno em um único Complexo Naval e gerando o espaço

necessário para a construção das novas sedes da Esquadra, do Centro de Adestramento Marques de Leão e do Centro de Análise de Sistemas Operativos (Casop).

A Estação Naval também assumiu parte das atividades de apoio marítimo aos navios da Esquadra, como, por exemplo, auxiliar com rebocadores de porto atracções, desatra-



Figura 9 – A recém-inaugurada Estação Naval. Os automóveis já acessavam a ilha pelo Aterro



Figura 10 – Construção dos novos píeres de atracação

cações e eventuais reboques dos meios navais no interior da Baía da Guanabara.

Por meio de chatas, a estação também passou a realizar o abastecimento de água para navios e várias Organizações Militares de terra sediadas na orla da baía.

Em 1983, dando continuidade ao atendimento das novas demandas advindas dos planos de modernização da Marinha, foi iniciada a construção de novos píeres de atracação, que aumentariam o cais acostável da Estação de 585 para 2.345 metros.

Os novos píeres foram munidos de todas as facilidades para apoiar os modernos navios da Esquadra, como fornecimento de água doce, rede de incêndio, ar comprimido, vapor e energia elétrica.

Em decorrência natural dos expressivos investimentos nas capacidades de apoio e manutenção, da maturidade institucional e da técnica adquirida nas tarefas de manutenção, em especial a docagem dos meios da Esquadra, e em consonância com o planejamento estratégico da Marinha, a 12 de maio de 1986, a ENRJ foi extinta, dando lugar à Base Naval do

Rio de Janeiro, criada em 15 de maio do mesmo ano.

## A BASE NAVAL SE CONSOLIDA

A nova OM passou a abrigar a sede do Comando em Chefe da Esquadra, que, em edifício especialmente construído para este fim, ampliou suas capacidades administrativas e de Comando e Controle. Também ficaram sediados na Base Naval o Comando das

Forças-Tipo, antecessoras dos Esquadrões que hoje compõem a Força de Superfície, proporcionando uma conveniente proximidade entre os comandos de Força e meios subordinados.

A ampliação dos píeres e a presença do CAAML e do Casop no Complexo Naval de Mocanguê transformaram a Base Naval no destino preferencial dos navios da Esquadra, que, durante seus ciclos operativos, podiam encontrar facilidades para pequenos reparos, apoio adequado para a condução de atividades rotineiras e o aprimoramento das capacidades de seus militares. Adicionalmente, a Base passou a representar um ponto de apoio importante para atividades operativas, a exemplo do heliponto homologado para operações diurnas e noturnas com todos os modelos de aeronaves da MB.



Figura 11 – O moderno prédio do Comando da BNRJ



Figura 12 – Heliponto em operação

Com o propósito de apoiar o dia a dia das tripulações, a Base Naval passou a abrigar serviços diversos, como agências bancárias, correios, Posto de Distribuição de Uniformes (PDU), capacitação física das tripulações em amplas instalações esportivas e apoio à saúde no Posto de Assistência Médica da Esquadra, o Pamesq, então um Departamento da Base Naval, que foi o embrião da Unidade Médica da Esquadra, a Umesq.

Devido à sua expressiva capacidade de docagem, logo a BNRJ se tornou um

elemento fundamental para a manutenção dos meios navais da MB, não apenas os da Esquadra, tendo recebido em seus diques praticamente todas as classes de navios: navios-escolta, distritais, unidades da Diretoria de Hidrografia e Navegação, embarcações de desembarque, avisos de instrução da Escola Naval e até submarinos. Além dos meios sediados na área Rio, a BNRJ também passou a

realizar os períodos de manutenção dos navios subordinados ao 5º e 8º Distritos Navais, transformando-se na segunda maior unidade industrial da MB em volume de serviços.

Nos raros períodos sem meios da MB nos diques, a Base também realizou a manutenção de embarcações civis, responsáveis pelo estabelecimento dos recordes de comprimento e boca de meios docados. A flexibilidade e as capacidades da BNRJ foram postas à prova inúmeras vezes, seja na execução de tarefas in-



Figura 13 – Facilidades da BNRJ – Agências bancárias



Figura 14 – O antigo Pamesq, hoje Umesq, o PDU móvel e instalações esportivas



Figura 15 – Docagem de submarino



Figura 16 – Docagem de meios navais



Figura 17 – Desmonte do ex-CT *Pernambuco*



Figura 18 – Navio com maior boca já docado

comuns, como o desmonte do ex-Contratorpedeiro *Pernambuco*, e o apoio à atracação de submarinos nucleares estrangeiros, seja com a responsabilidade de liderar projetos de manutenção relevantes, como os Períodos de Manutenção Geral (PMG) do Navio-Escola (NE) *Brasil* e do Navio-Veleiro (NVe) *Cisne Branco*, bem como a preparação dos navios-escolta que atuaram como capitânia na Força Tarefa Marítima (FTM) da Unifil, fragatas classe *Niterói* e Corveta *Barroso*.



Figura 19 – Submarinos nucleares atracados na BNRJ



Figura 20 – Docagem simultânea do NE *Brasil* e do NVE *Cisne Branco*

o Centro de Manutenção de Embarcações Miúdas (CMEM) e o Centro de Intendência da Marinha em Niterói (CeIMNIt), aumentando a abrangência dos serviços prestados pela BNRJ.

## NOSSA BASE HOJE

Na atualidade, a BNRJ busca o aprimoramento de suas capacidades e eficiência, seja na diminuição dos custos de serviços e funcionamento, seja no incremento da qualidade dos serviços industriais e de apoio prestado.

Destacam-se, neste sentido, a revitalização dos centenários diques, que, em quase 50 anos sob administração da MB, sempre estiveram prontos a operar. Foram modernizados sistemas de esgotamento, portas-batel, sistemas de

energia elétrica e de combate a incêndio, gruas, cabrestantes e aparelhos de laborar. Adicionalmente, buscou-se o aprimoramento contínuo de qualidade dos serviços industriais prestados, com treinamento de



Figura 21 – Docagem da Fragata *Liberal*



Figura 22 – Grua e porta-batel

Ao longo do tempo, com a evolução institucional da Marinha, outras OM passaram a fazer parte do rol das apoiadas pela Base Naval, como o Centro de Guerra Eletrônica da Marinha (CGAEM),

pessoal, normatização de procedimentos de manutenção e fiscalização de obras.

No que tange à eficiência no uso dos insumos industriais, a Base Naval do Rio de Janeiro foi pioneira, em toda



Figura 23 – Cabrestantes e instalações elétricas modernizadas

a administração pública, na migração para o mercado livre de energia, ação na qual atuou como projeto-piloto e que proporcionou significativa economia para a União, abrindo portas para iniciativas mais ambiciosas neste campo.

A questão ambiental é ponto central na operação de qualquer unidade industrial nos dias de hoje, em especial estaleiros. A BNRJ, localizada numa ilha, não poderia ficar alheia às demandas nessa seara e, conforme determinam as normas ambientais em vigor, possui um eficiente setor ambiental, com foco na prevenção e preparado para o combate a qualquer sinistro que ocorra na área de responsabilidade da Base, abrangendo todo o complexo e os arredores.

Quanto aos serviços de apoio, está em curso a revitalização do Sistema de In-



Figura 24 – Material da Divisão de Controle Ambiental

cêndio dos píeres e dos rebocadores de porto, além de outros projetos de infraestrutura em fase de planejamento, visando não só ao atendimento das demandas atuais, como também à preparação das instalações para os desafios vislumbrados no futuro.

A gama de tarefas realizadas pela BNRJ é bem representada tanto no brasão da OM quanto pelo nosso mascote, o Basílio (Figura 25), simpático e atarefado polvo que atende, com seus tentáculos, às mais distintas demandas.



Figura 25 – Basílio em ação

## CONCLUSÃO

O almirante estadunidense Alfred Tayer Mahan afirmou, em sua principal obra, *A Influência do Poder Naval na História*, de 1890, que “a primeira medida para o desenvolvimento do Poder Naval de uma nação deve ser o estabelecimento de locais onde seus navios possam abastecer-se de carvão e executar seus reparos” (livre tradução). Quando este princípio foi publicado, as instalações de Mocanguê Pequeno executavam exatamente o que o grande estrategista naval vislumbrava como tarefas fundamentais de uma Base Naval.

Este caminho, iniciado há relativamente pouco tempo, tem sido coroado de sucesso, fruto

do descortino de grandes chefes navais e do trabalho diuturno de gerações de marinheiros que nos precederam. É nos ombros destes gigantes de ontem, por dever de justiça, representados a seguir

na listagem de seus encarregados e comandantes, que, hoje, nossos militares, homens e mulheres de fibra inquebrantável, seguem aprimorando as capacidades da Base Naval do Rio de Janeiro.

📁 CLASSIFICAÇÃO PARA ÍNDICE REMISSIVO:

<ADMINISTRAÇÃO>; Base;

<APOIO>; Base Naval;

<HISTÓRIA>; História da Marinha do Brasil;

**ENCARREGADOS DO NÚCLEO DE IMPLANTAÇÃO DA  
ESTAÇÃO NAVAL DO RIO DE JANEIRO**

|  |              |
|--|--------------|
| CMG Armando Amorim Ferreira VIDIGAL          | 1972/73      |
| CF Carlos Augusto VILHENA de Magalhães Cunha | 1973/74      |
| CF Roberto BARROS RIOS (Interino)            | 1974         |
| CF NILSON da Costa TAVARES                   | 1975/76      |
| CMG NELSON ACATAUASSU Xavier                 | 1975/76      |
| CF Roberto BARROS RIOS (Interino)            | 1976         |
| CMG MURILLO Cruz Guimarães de Souza Lima     | 1976/77      |
| CF Newton Lima da Costa DOURADO (Interino)   | até 15/08/77 |

**COMANDANTES DA ESTAÇÃO NAVAL DO RIO DE JANEIRO**

|                                      |                         |
|--------------------------------------|-------------------------|
| CMG GEREZ Teixeira Martins           | 15/08/1977 a 16/02/1978 |
| CMG Renato Neves HESPANHA            | 16/02/1978 a 07/02/1979 |
| CMG Pedro STEENHAGEN Filho           | 07/02/1979 a 24/09/1981 |
| CF Walter LOYOLA Martins (Interino)  | 24/09/1981 a 19/01/1982 |
| CMG Roberto NOGUEIRA MACHADO         | 19/01/1982 a 12/01/1984 |
| CMG LÉLIO de Souza                   | 12/01/1984 a 27/02/1986 |
| CMG Sergio Cavalcanti da COSTA MOURA | 27/02/1986 a 15/05/1986 |

**COMANDANTES DA BNRJ**

|   |                         |
|---|-------------------------|
| CMG Sérgio Cavalcanti da COSTA MOURA    | 15/05/1986 a 15/06/1987 |
| CMG Alberto do Valle ROSAURO de Almeida | 15/06/1987 a 28/09/1990 |
| CMG Vicente de Paulo Phaelante CASALES  | 28/09/1990 a 28/08/1992 |
| CMG Milton Benevides dos GUARANYs       | 28/08/1982 a 22/04/1994 |
| CMG Juliano Adolfo ETCHEVERRY           | 22/04/1994 a 11/08/1995 |

|   |                         |
|---|-------------------------|
| CMG Nelson MORETTI                        | 11/08/1995 a 26/08/1997 |
| CMG José Carlos Guapyassú TROVÃO          | 26/08/1997 a 12/11/1998 |
| CMG Gerson Carvalho RAVANELLI             | 12/11/1998 a 10/05/2000 |
| CMG Luiz Alexandre M. PEIXOTO (Interino)  | 10/05/2000 a 15/08/2000 |
| CMG ARNON Lima Barbosa                    | 15/08/2000 a 03/04/2002 |
| CMG José Moraes SINVAL REIS               | 03/04/2002 a 10/02/2004 |
| CMG Walter CARRARA Loureiro               | 10/02/2004 a 05/04/2005 |
| CMG Luiz Felipe de Oliveira Pinto RIBEIRO | 05/04/2005 a 13/11/2006 |
| CMG Eduardo Assad FONTENELLE              | 13/11/2006 a 08/01/2009 |
| CMG Carlos Henrique Silva SEIXAS          | 08/01/2009 a 14/12/2010 |
| CMG Paulo Cesar Mendes BIASOLI            | 14/12/2010 a 30/03/2012 |
| CMG Amaury CALHEIROS Boite Junior         | 30/03/2012 a 22/07/2013 |
| CMG Sérgio Gago GUIDA                     | 22/07/2013 a 30/01/2015 |
| CMG Alexandre TITO dos Santos Xavier      | 30/01/2015 a 17/02/2017 |
| CMG RICARDO Sales de Oliveira             | 17/02/2017 a 29/01/2019 |
| CMG Rudicley CANTARIN                     | 29/01/2019 a 23/03/2020 |
| CMG José Carlos Cavalcanti SALES          | 23/03/2020 a 14/10/2021 |